

ÍNDIGO

MARIA, ANTONIETA e o GNOMO

ILUSTRAÇÕES DE
MIKA TAKAHASHI



MARIA
ANTONIETA
e.o. GNCMO



© 2017 Índigo
© 2017 Vergara & Riba Editoras S/A

EDIÇÃO Fabrício Valério e Thaíse Costa Macêdo
EDITORA-ASSISTENTE Marcia Alves
COLABORAÇÃO Flavia Lago e Natália Chagas Máximo
REVISÃO Flávia Yacubian e Raquel Nakasone
DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt
PROJETO GRÁFICO Juliana Pellegrini
LETTERING DE CAPA Juliana Pellegrini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Índigo
Maria Antonieta e o Gnomo / Índigo; ilustrações Mika
Takahashi. – 1. ed. – São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2017.
ISBN 978-85-507-0101-1

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Takahashi, Mika. II. Título.
17-03566 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura infantil 028.5
2. Ficção: Literatura infantojuvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à
VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.
Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana
CEP 04020-041 | São Paulo | SP
Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866
vreditoras.com.br | editoras@vreditoras.com.br

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para opinioao@vreditoras.com.br
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, jun. 2017
FONTES Bembo Std 14/16,5pt; Moon Flower Bold 40pt
PAPEL Pólen Bold 90g/m²
IMPRESSÃO Cromosete
LOTE C30829

ÍNDIGO

MARIA
ANTONIETA
e o GNCMO

ILUSTRAÇÕES DE
MIKA TAKAHASHI





UM

Quando vi, meus pais tinham sumido. Não me pergunte como ou quando isso aconteceu. Num minuto, estávamos na plataforma da estação esperando o trem para Roma, e no minuto seguinte, eles não estavam mais lá.

Não era a primeira vez que me perdia dos meus pais. Nas outras vezes, sempre os encontrei. Por isso, não me desesperei.

Poucas horas antes, minha mãe tinha falado que, caso eu me perdesse, deveria ficar parada no lugar. Nem pensar em sair andando. Ela olhou bem nos meus olhos e apertou meus ombros para indicar que o assunto era sério. Ela acredita que, apertando meus ombros, suas palavras penetram meu cérebro.

– Entendeu o que eu falei? – perguntou.

Assenti.

Ela não se convenceu e franziu as sobrancelhas. Acho que pressentia. Não largou dos meus ombros até que meu pai se aproximou, brincalhão.

– Também não é assim... – ele disse. – Perder-se faz parte da aventura.

Minha mãe reprovou o comentário. Para *ele*, podia ser uma aventura; no meu caso, seria a morte. Ela não chegou a dizer isso, com essas palavras, mas seu olhar, sim.

O detalhe é que eu amo aventuras.



Há dez dias viajávamos por diferentes países, visitando museus, igrejas e castelos. Museus, igrejas e castelos. Museus, igrejas e castelos. Eu não aguentava mais. Ok, os castelos tinham tudo para ser interessantes, contanto que estivessem em atividade. Mas, sem princesas e dragões, não tinha graça nenhuma.

Mesmo assim eu aturava os passeios turísticos sem reclamar. Nas igrejas, enquanto os dois ouviam as explicações pelo fone de ouvido, maravilhados com a arquitetura ou outros detalhes históricos, eu esperava com toda a paciência do mundo. Por isso, quando me perdi, resolvi sair andando em vez de continuar parada no lugar.

Eu me senti no direito de descansar da entediante rotina de passeios. Não pensei em ir longe. Só queria entrar numa lojinha de suvenires. Por mais que eu implorasse, os dois nunca concordavam em parar nessas lojinhas. Portanto, entrei. Agora eu podia.

Lembro que nesse dia eu estava usando um casaco de veludo verde-escuro e uma bolsa de couro a tiracolo, que eles tinham comprado para mim no dia anterior. Eram duas

novidades na minha vida: o casaco de veludo com gola, cinto e botões pretos; e a bolsa com compartimentos para guardar minhas coisas. Eu me sentia sofisticada, parecia uma agente secreta de um filme antigo. Normalmente ando de mochila.

A lojinha de suvenires era atulhada de bugigangas. Segundo meu pai, cacarecos que só servem para ocupar espaço. Ele chama de *quinquilharia*, num tom de desprezo, mas eu tenho vontade de comprar tudo, principalmente as miniaturas. É gostoso segurar um cavalo na palma da mão. Adultos não entendem isso. Há dias eu implorava para que comprassem um cavalinho para mim. Eles não entendiam porque eu precisava tanto de um cavalo. Sempre diziam que não. Agora, lá estava, um pequeno cavalo na prateleira, me encarando. Peguei-o na mão. Era felpudo, com crina e rabo. Em volta do pescoço, um barbante com o preço. Eu não soube avaliar se o tanto de moedas que eu tinha na bolsa seria suficiente. Nunca havia mexido com dinheiro estrangeiro. Meu porta-moedas era quase um brinquedo.

Nos dias anteriores, toda vez que passávamos por uma fonte, eu atirava uma moedinha. Todo mundo fazia isso. Jogávamos a moedinha e fazíamos um pedido. Era assim que eu administrava meu dinheiro, investindo em superstições...

Levei o cavalo até o caixa.

O atendente estava sentado atrás da máquina registradora, falando ao telefone. Ele fez um gesto com as mãos. Eu teria de aguardar. Botei o cavalo e todo o meu dinheiro em cima do balcão.

Enquanto esperava, aproveitei para pegar uma bala. Coloquei-a ao lado do cavalo. Minha mãe sempre pegava uma coisinha qualquer na hora de pagar: um chiclete, uma pilha... Acho charmoso quando adultos acrescentam uma coisinha de última hora. Não resisti. Peguei mais três balas. Isso deixou o conjunto equilibrado. Um cavalo com quatro balas em volta.

Pronto, agora não pegaria mais nada.

O atendente tampou o telefone com a mão e disse um negócio que eu não entendi. A única palavra que reconheci foi “bambina”, diminutivo de Bambi.

Bambi... ele devia ter seus truques secretos. Ficou órfão, e no fim sobreviveu. O meu caso era um pouco diferente, mas lembrar esse detalhe me tranquilizou.

Em seguida, o atendente contou minhas moedas, jogou-as dentro da gaveta da máquina registradora, pegou o cavalo e fez que não com o dedo indicador. Meteu as quatro balas num saco de papel pardo e sinalizou para a pessoa atrás de mim. Botou o cavalo na prateleira, um pouco acima da altura da sua cabeça. Ele ficou virado de bunda para cima, como quem acaba de levar um tombo.

Sáí da loja com o saco de balas na mão, voltei para a plataforma da estação e me sentei num banco vazio. O trem, que antes estava parado bem ali, tinha sumido, junto com a multidão. Eu era a única criança desacompanhada. Meus pais me encontrariam facilmente. Logo os dois chegariam esbaforidos, de braços abertos, gritando meu nome. Talvez me dessem uma bronca. Pior, talvez me obrigassem a andar de mãos dadas com eles, feito um bebê.



A multidão de adultos foi se aglomerando na plataforma. Um homem de terno sentou-se ao meu lado, compenetrado na tela do celular. Uma mulher esbarrou em mim sem querer, pediu desculpas e parou um pouco adiante. Um grupo de crianças uniformizadas passou correndo. Um casal de namorados ficou se beijando enquanto esperava o trem. Eu poderia passar horas ali, observando pessoas comuns fazendo coisas banais. Bem mais interessante que ver pinturas em museus. As pessoas pelo menos estavam vivas e pertenciam ao meu mundo.

Sempre gostei da vida real, do jeito como ela é, sem a interpretação de grandes artistas. Mas meus pais não pensam assim. Para eles a vida, por si só, não é tão interessante. Eles gostam de arte e filosofia. Eu prefiro me aventurar e fazer minhas próprias descobertas.

Quando um guarda passou por mim, até pensei em cutucá-lo, para avisar que eu era uma criança perdida precisando de ajuda. Mas resolvi esperar um pouco mais e prolongar a sensação de liberdade. Em vez de chamar o guarda, tirei meu gnomo da bolsa.



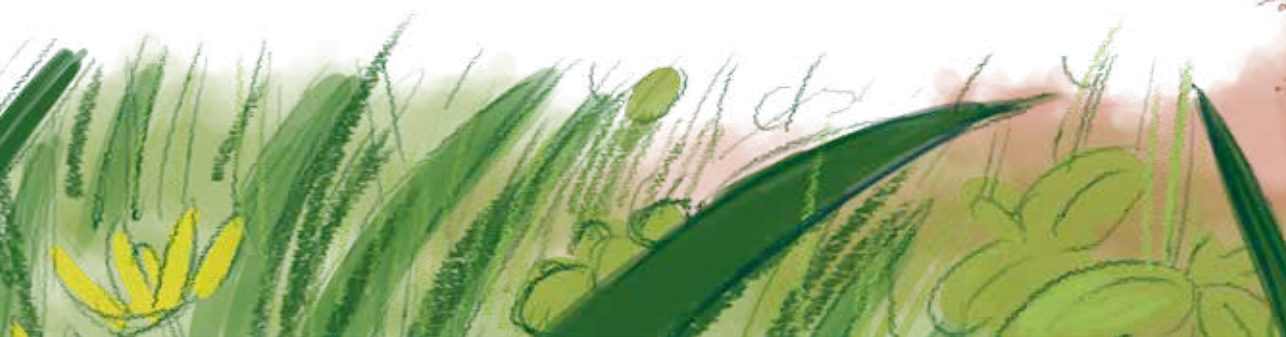
Meu relacionamento com o gnomo nunca foi fácil. Um dia eu estava voltando da escola e a van bateu numa ambulância. Uma batida forte. A porta traseira da ambulância se abriu e a maca saiu rolando pela avenida. Toda a turma teve que descer da van e esperar na calçada. Não deu para ver a cara do homem que estava na maca. A motorista pediu que abaixássemos a cabeça e não deixou que olhássemos. Fiquei encarando a grama. Foi assim que encontrei o gnomo. Ele estava com a cara afundada no chão. Discretamente, me afastei dos meus colegas, peguei-o e o enfiei na mochila. Ninguém viu. Estavam mais interessados no homem da maca.

Chegando em casa, levei o gnomo para o meu quarto. Ele era carrancudo, mas gostei dele assim mesmo.

Estava imundo e um pouco fedido. Fiz o que qualquer menina faria: tirei suas roupas e lhe dei um banho. Depois, o sequei com o secador de cabelo da minha mãe. Parecia que estava em coma. Eu me apaixonei. Não sei por que, mas achei que ele também tinha vindo da ambulância. Não tenho como provar. De fato, não vi seu corpo sendo arremessado. Mas dia a dia minha suspeita foi se confirmando.

No começo ele só queria dormir. Deixei. Achei que era seu jeito de se recuperar do trauma da batida.

Ele não tinha nada a ver com minhas bonecas ou bichos de pelúcia. Era velho demais para ser meu filho, e baixinho demais para ser meu marido. Também não sei se podia considerá-lo um amigo, por causa do seu jeito bravo. Éramos duas pessoas unidas pelo destino. A única coisa que eu podia afirmar sobre o gnomo é que ele era meu e que me traria sorte quando eu precisasse.



Agora, perdida, sozinha e sem dinheiro, num país estrangeiro, eu ia mesmo precisar de sorte.

Apertei-o contra meu peito e fiz o pedido. Até esse dia eu nunca tinha pedido qualquer coisa para ele. Só dava, sem exigir nadinha em troca. Dei carinho, roupas novas, moradia, comida e um nome. Era hora de ele retribuir.

Por favor, me ajude a encontrar meus pais.

Fechei os olhos, mentalizei o pedido três vezes e esperei. Quando abri os olhos, vi pela primeira vez seus dentes podres. Eu nem sabia que ele tinha dentes, muito menos que pudesse mostrá-los. O gnomo arreganhou os beiços e mordeu minha mão. Berrei de dor, pulei do banco e sacudi o braço.

Ele aproveitou meu descontrole para sair correndo.






Maria Antonieta se perde dos pais em uma estação de trem. Mesmo com medo, ela escolhe desbravar o desconhecido. É quando surgem gnomos falantes, palácios secretos, florestas com árvores poderosas... Daí, outra mágica aflora, quase imperceptível a olho nu: a descoberta de um novo mundo dentro de si.

(...) Índigo, amada pelos leitores por saber transportá-los ao mundo da aventura num instante – sempre com graça e mistério. Dessa vez, são duas aventuras que se alternam e se completam – uma contada por Maria Antonieta, outra narrada por Jean-Charles, seu gnomo.

JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA



  /vreditorasbr
 @vreditoras

ISBN 978-85-507-0101-1

